

# Temas e contextos em Linguística Aplicada

O segundo número de 2014 da *Calidoscópio* é dedicado à linha de pesquisa *Interação e Práticas Discursivas*. O conjunto de artigos aqui apresentados atestam a renovação da reflexão em Linguística Aplicada, dentro da proposta de incluir em seu escopo estudos da linguagem em diferentes contextos, que incluem, mas não se encerram no âmbito do ensino de línguas. Em razão dessa abertura à diversidade, tema e perspectivas teóricas se cruzam, tornando difícil a instituição de um único princípio ordenador dos textos. Priorizamos uma organização por temas para distribuir os doze artigos, cujo conteúdo será brevemente apresentado a seguir.

Iniciamos com dois artigos que discutem questões de educação intercultural, fundamentais para a fixação de políticas linguísticas que incentivem programas pedagógicos inovadores, voltados para o desenvolvimento e fortalecimento das diferentes línguas faladas pelas comunidades multilíngues. O primeiro deles, de autoria de Miguel Figueroa Saavedra e José Álvaro Hernández Martínez (Universidad Veracruzana Intercultural, México), relata um projeto desenvolvido na Universidad Veracruzana Intercultural do México, que incentiva a presença e o uso das línguas indígenas nacionais, tradicionalmente relegadas ou excluídas da educação superior. Trata-se de um projeto de sinalização multilíngue que envolveu estudantes falantes da língua *náhuatl*, com o objetivo de facilitar sua localização na comunidade universitária de *La Huasteca*. Os resultados não corresponderam ao desejo dos pesquisadores, pois a tendência dos falantes foi a de “ler” unicamente os rótulos em espanhol, ainda considerada a única língua “alfabetizada”, ou seja, a ação não desencadeou a reflexão sobre a necessidade de ativar a língua *náhuatl* como uma língua de uso na educação superior. O artigo discute em profundidade esses resultados, bem como problematiza a crença de que as línguas indígenas são lexicalmente pobres, incapacitadas para a formalização de linguagens especiais e para a conceptualização de realidades específicas e complexas.

O segundo artigo sobre o tema da educação intercultural, *A língua alemã em antiga zona de imigração no vale do Itajaí (SC): um estudo em duas comunidades*, de Martha Regina Maas (Universidade Regional de Blumenau), Maristela Pereira Fritzen (Universidade Regional de Blumenau) e Abelardo José Avelino Neto (Universidade Regional de Blumenau), sinaliza a importância de se garantir, na educação formal, o aprendizado da língua alemã, ao lado do português, em contextos bilíngues como o Vale do Itajaí, em Santa Catarina. A coleta de dados foi feita através de dois questionários sociolinguísticos, um aplicado a alunos do Ensino Fundamental I e o outro a suas famílias. Os resultados mostraram que a língua alemã é utilizada na maioria das esferas sociais, na modalidade oral, especialmente no âmbito familiar e que os pais dos alunos apresentam

atitudes positivas em relação à língua de herança, além de entenderem ambas as línguas como relevantes para o futuro de seus filhos. O estudo traz a realidade de uma zona específica de imigração alemã, mas seus resultados auxiliam a compreender a situação sociolinguística em comunidades bi/multilíngues em geral, podendo contribuir para o fomento de novas políticas na direção da educação intercultural.

Um outro conjunto constitui-se de dois artigos que, sob diferentes perspectivas de análise de discurso, tomam a arte por objeto de análise.

O primeiro deles, *Um olhar bakhtiniano sobre a questão do dialogismo x monologismo: Macabéa e a linguagem no processo de (des)constituição do “eu”*, de Rosiney Aparecida Lopes do Vale (Universidade Estadual do Norte do Paraná) e Rozana Aparecida Lopes Messias (Universidade Estadual Paulista), recorre aos conceitos bakhtinianos de *alteridade* e *dialogismo* para buscar, via linguagem, elementos que permitam analisar a dificuldade de Macabéa, personagem da obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, de interagir com o universo que a cerca. Essa dificuldade de inserir-se na linguagem traz como consequência a (des)constituição da identidade de Macabéa, pois é na linguagem que o sujeito adquire consciência de si, diferencia-se do outro, singulariza-se para intervir e modificar a realidade. O leitor encontra neste trabalho indicativos de que o estudo de textos literários sob a ótica discursiva pode ser um lugar de construção de conhecimento sobre a experiência humana.

Rosa Maria Olher (Universidade Estadual de Maringá) e Fernanda Silveira Boito (Universidade Estadual de Maringá) apresentam um estudo que igualmente toma por objeto de atenção produções da esfera artística. Nesse caso, a obra analisada é “Marat Sebastião: Pinturas do Lixo”, de autoria do artista plástico paulista Vik Muniz, em parceria com os catadores de lixo do aterro sanitário Jardim Gramacho, da cidade do Rio de Janeiro. Essa obra é tomada como comentário produzido a partir de “A morte de Marat”, pintura feita em 1793 por Jacques-Louis David, que retrata o assassinato do francês Jean-Paul Marat, uma das figuras mais radicais dos setores populares durante a Revolução Francesa. Sob a perspectiva foucaultiana de análise do discurso, as autoras buscam compreender de que modo a relação estabelecida entre os dois enunciados cria efeitos de sentido. Observam que o enunciado “Marat-Sebastião: Pinturas do Lixo” traz a relação do homem com o lixo, a arte, a vida, o sujeito catador e o herói, mas, por relacionar esses discursos com o discurso da morte, que retorna com o texto-primeiro presente no texto comentário, acaba não permitindo que outras relações com outros discursos e enunciados sejam ali instauradas.

Seguem-se dois textos que focalizam questões relacionadas ao discurso da mídia. O primeiro alerta

para a necessidade de desconstrução das representações veiculadas e das estratégias de dominação ideológica que caracterizam os conteúdos produzidos. Vem de Portugal o primeiro texto que vê a mídia como construtora ativa da realidade social e disseminadora de ideologias. Trata-se de *Questões de gênero nas revistas generalistas de informação em Portugal: cruzamentos temáticos na Sábado e Visão*, de Carla Cerqueira (Universidade do Minho, Portugal), Sara I. Magalhães e Rosa Cabecinhas (Universidade do Porto, Portugal). As autoras tomam por objeto de estudo um *corpus* constituído pelas revistas *Sábado e Visão*, comparáveis a *Istoé* ou a *Veja*, as mais lidas entre as revistas generalistas em Portugal. O método utilizado é a análise temática, realizada com recursos do *software* NVivo 10, que permite identificar, analisar e relatar temas nos textos. Três questões nortearam o estudo: (a) Qual o perfil temático das revistas *Sábado e Visão* no ano de 2011? (b) Que representações de gênero surgem nestas duas revistas? (c) De que forma estas representações se enquadram na distribuição temática efetuada? Os resultados atestam que não há tendência a apresentar um discurso marcadamente genderizado nessas revistas portuguesas de informação generalista. As representações de gênero que surgem são mais sutis, muitas vezes, ancoradas num conjunto de normas e características associadas à masculinidade e feminilidade que transpõe o olhar da dimensão de gênero para o sexo biológico. Tendo em vista que as representações veiculadas por revistas como essas são, via de regra, apropriadas pelo(s) público(s), o artigo mostra que os meios de comunicação social vão além da mera função informativa, modelando atitudes e comportamentos sociais e contribuindo para a construção da cidadania.

O segundo texto desse conjunto tem por foco as marcas de oralidade no jornalismo impresso jovem. Ana Paula de Araujo Cunha (Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia Sul-rio-grandense) e Raquel Neutzling Bierhals (Universidade Federal de Pelotas) analisam excertos de cinco edições do caderno *Kzuka* (2009-2010), suplemento do jornal gaúcho *Zero Hora*, procurando observar as semelhanças e diferenças entre o texto jornalístico clássico e o texto apresentado no periódico sob análise. O estudo estabelece dois níveis de análise, o discursivo e o lexical, incluindo, pontualmente, o nível fonético. As autoras concluem que, embora o *Kzuka* não abandone características típicas do texto jornalístico impresso clássico, liberta-se de regras e padronizações tradicionais, usando efeitos de oralidade para criar cumplicidade e tornar-se mais atrativo para o público jovem. Essas “transgressões” são interpretadas como uma forma de garantir espaço ao caderno, num mundo em que televisão e internet dispõem de estratégias altamente sedutoras para conquistar leitores.

Os dois próximos artigos discutem questões de identidade e interação em contexto de ensino de línguas. Em *Investment and imagined communities: A narrative analysis of the identity construction by student-*

*teachers of English*, Gloria Gil (Universidade Federal de Santa Catarina) e Cleiton Constantino Oliveira (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte) discutem a construção identitária de oito alunos-professores, aprendizes de Inglês como língua adicional, através da análise de narrativas geradas por meio de entrevistas semi-estruturadas. Os resultados mostram que a identidade do aprendiz como usuário da língua e a identidade do aprendiz como professor parecem se misturar, e em muitos casos, a segunda se sobrepõe a primeira. Os autores encerram com uma importante reflexão acerca da necessidade e da relevância de se fornecer a estudantes-professores, na faculdade, práticas situadas significativas nas quais eles se tornem de fato usuários da língua.

O segundo artigo desse grupo, *A participação de aprendentes chineses de nível primário nas tomadas de decisão em uma sala de aula de PLE*, de Ricardo Moutinho (Universidade de Macau, China), visa a compreender melhor como o espaço interativo em um contexto de ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira (PLE) é (re)organizado conjuntamente por professores e como esses, verbalmente e extralinguisticamente sinalizam suas decisões, atitudes e ações. O estudo, de viés etnometodológico, parte do pressuposto de que o aprendizado é um processo situado, co-construído e distribuído entre os participantes. São observadas e gravadas em vídeo interações de ocorrência natural em uma sala de aula do primeiro ano do ciclo básico (nível primário) de uma escola Luso-Chinesa de Macau, em que o português ensinado é de variante europeia. O método utilizado é o microetnográfico, que possibilita ver como o espaço interativo está sendo (re)organizado pelas ações dos sujeitos no momento em que estão em uma atividade de fala. Os resultados indicam que a sala de aula não é um espaço discursivo unidimensional centrado na figura do professor, mas um local onde a interação é constantemente reorganizada por todos os seus participantes. Os resultados da pesquisa contrariam a ideia muito difundida no e pelo ocidente de submissão de alunos orientais em sala de aula de língua estrangeira.

O próximo grupo de artigos traz à discussão questões ligadas à enunciação. *Subjetividade e avaliação no ensino da escrita no 1 ciclo do Ensino Fundamental de 9 anos*, de Lorena Bischoff Trescastro (Universidade Federal do Pará) e Thomas Massao Fairchild (Universidade Federal do Pará), promove uma discussão pautada numa perspectiva discursiva de linguagem e numa concepção de sujeito tributária da psicanálise. Através da análise de quatro textos de alunos de 9 anos, do 3º ano do Ensino Fundamental, os autores mostram de que maneira a produção dos alunos pode fundamentar ações docentes em sala de aula sem que se percam nem o aspecto subjetivo do aluno e do professor nem seu papel específico dentro da escola. Defendem um olhar para o texto enquanto *ato* que possibilita o estabelecimento de interlocução e sustentam, ainda, que uma avaliação diagnóstica da escrita de crianças contribui

para trazer a heterogeneidade dos sujeitos à tona, à medida que cada texto suscita respostas diferentes do professor às diversas demandas da escrita de seus alunos.

O texto *Intersubjetividade e intrassubjetividade no ato de ler: a formação de leitores na Educação Básica*, de Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti (Universidade Federal de Santa Catarina), Aline Cassol Daga e Sabatha Catoia Dias, doutorandas da Universidade Federal de Santa Catarina, tem por objetivo registrar linhas gerais de proposta teórico-epistemológica e metodológica para ação docente no campo da formação de leitores na Educação Básica. As autoras situam seu estudo em ancoragem teórica de base histórico-cultural e buscam uma convergência entre a psicologia da linguagem vigotskiana, a filosofia da linguagem bakhtiniana e a antropologia da linguagem dos estudos do letramento para explicar a *dimensão intersubjetiva da leitura* e a *dimensão intrassubjetiva da leitura*. A partir da experiência das autoras com a historicização das vivências dos alunos com a leitura e da organização de seus projetos de trabalho a partir de gêneros do discurso, o estudo apresenta objetivos-base para atividades de leitura a fim de contribuir para aprimorar o nosso olhar sobre a formação de leitores na escola.

O artigo *Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para a Teoria das Operações Enunciativas* de Márcia Romero (Universidade Federal de São Paulo) e Vanessa Santana Lima Trauzzola (Universidade Federal de São Paulo) problematiza a teoria dos campos semânticos, segundo a qual as palavras são dotadas de um núcleo significativo intrínseco. Entre outras dificuldades, as autoras destacam a concepção de sentido fortemente “referencialista” que se evidencia nessa ideia de que há um conteúdo semântico que antecede à própria produção linguística. O quadro teórico-metodológico adotado para dar corpo e sustentar essa crítica é o da Teoria das Operações Enunciativas (TOE) de Antoine Culioli, referencial inscrito no campo da Linguística da Enunciação. As autoras defendem uma prática de análise semântica e enunciativa que prima pelo estudo da significação fundamentado na materialidade verbal que compõe os enunciados. Por meio da elaboração de glosas, evidenciam aproximações e distanciamentos existentes entre o funcionamento enunciativo dos verbos *romper* e *quebrar*, desenvolvendo uma proposta analítica de natureza notadamente reflexiva, reveladora de modos de construção de sentido bastante distintos, que não ocorrem à revelia, mas são orientados por dinâmicas enunciativas específicas que definem seu funcionamento e determinam suas possibilidades de significar. O artigo apresenta uma discussão instigante para a pesquisa linguístico-enunciativa, contribuindo para difundir a teoria de Culioli, um dos pensadores mais produtivos da linguística enunciativa na atualidade.

O último artigo não faz grupo com nenhum outro, embora esteja implicado em alguns dentre os que constituem esta edição de *Calidoscópio*. Seu tema é o ensino de

Lacan, resultante de sua leitura radical do texto de Freud. Sabemos que a psicanálise não é estranha à linguística. Comparece em teorizações feitas na área seja sob a forma de um saber que atravessa o campo da análise do discurso de orientação francesa (cf. Michel Pêcheux), seja como uma exterioridade a que o estudo da enunciação recorre em busca de uma concepção não essencialista de sujeito (cf. Jacqueline Authier-Revuz). Fazer a travessia do texto de Lacan é sempre um desafio para o linguista, pois requer dele um exercício de experimentar o avesso do entendimento linear, de deslocar-se de uma certa avidez pela razão, que não lhe permite trabalhar com o enigma, com o que “não faz sentido”. O artigo *O último ensino de Lacan: há algo para além da linguagem*, de Adriane Freitas Barroso, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, traz grande contribuição ao linguista que deseja adentrar esse espaço oceânico que é a obra lacaniana no que ela implica a linguagem e o sujeito. A autora sinaliza que os chamados três momentos do ensino lacaniano representam o traçado de um percurso que parte do enfoque na linguagem, mas desemboca na constatação de que o real é condição ineliminável, que subjaz à cadeia significante. Sem negar o que foi anteriormente dito sobre o simbólico, o último ensino de Lacan mostra, segundo Barroso, que o real vem suplementar o simbólico, restando fora da cadeia significante e incidindo sobre ela na condição de avesso. Esse deslocamento fez Lacan alterar radicalmente conceitos, criar outros, sendo responsável pela abertura de novas trilhas em sua vasta obra, tão fundamental para pensar questões que dizem respeito ao humano.

O volume encerra com uma entrevista, realizada por Carmem Luci da Costa Silva e Luiza Milano (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), com Aya Ono, professora na Universidade de Keio (Japão), autora do livro *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste* (2007), ainda não disponível em língua portuguesa, em que encontramos um estudo extremamente cuidadoso sobre a noção de enunciação de Émile Benveniste. A publicação dessa entrevista tem o mérito de colocar em circulação uma das mais destacadas interpretações do texto de Benveniste produzidas na atualidade, certamente, responsável pela abertura de novos caminhos de leitura desse instigante pensador das relações entre a linguagem e o homem.

Ao encerrar esta apresentação, gostaríamos de novamente enfatizar a riqueza de temas e de abordagens teóricas que caracterizam os artigos deste número, que vem se somar ao já adiantado processo de consolidação da pesquisa em Linguística Aplicada voltada para diferentes contextos.

Marlene Teixeira  
Professora, Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Jorama Quadros Stein  
Doutoranda, Universidade do Vale do Rio dos Sinos